

# Penna, Agulha e Colher

«JORNAL» DE DONAS E DONZELLAS

Directora: Zenir Alcéa  
Caixa postal n. 49

Supplemento da «E'poca»  
Anno VIII—Num. 26

Anno I

Florianopolis, 13 de Abril de 1918

Num. 25

## As duas vocações

—Ouves, Dirce, que voz tão suave?  
—E' verdade, que linda voz!... De quem será?  
—Approximemo-nos mais um pouco... Parece ser em casa do Conde Vilain.  
—Justamente; é em casa do Conde.  
—Ah! então essa voz é de Ilka, sua filha.  
—Sabes? Dizem que ella foi pedida em casamento, mas que não accitou.  
—Sim?!... E por quem foi ella pedida?  
—Por um ricaço, aliás muito boa pessoa.  
—E por que não accitou então? Os paes não faziam gosto?  
—Como não?! Unica filha... Linda... prendada! Um noivo rico... bom... formado... Um casamentão!!  
—E por que então recusou ella tão bom partido?  
—Dizem que ella quer entrar para um convento, mas isso é que eu não posso érer!...  
—Por que não? Não é isso tão natural, Dirce?  
—Acreditas então, Veronica, que uma moça, sendo pedida em casamento, despreze-o, para se consagrar a Deus? Qual o que! Isso não é conmigo!  
—Mas... menina, si isso não é contigo, sel-o-á com outras... por isso não deves assim criticar...  
—Não estou criticando, mas duvido muito que a filha do Conde Vilain abandone o mundo, para enclausurar-se num convento!...  
—Dizes com isso que não recusarias um pedido tão vantajoso, não é, minha amiguinha?  
—Certamente que não.

—Ah! Ah! Ah!—riu-se Veronica com muito gosto. Deixa estar que hei de arranjar-te um noivo bem bomzinho...  
—Muito obrigada. Eu mesmo me encarregarei dessa missão. Agora... si queres que eu te apresente um...  
—Agradecida. Eu já tenho o meu predilecto!  
—Ah! *santinha!* E não m'o participaste?!  
—Por enquanto é um segredo, que guardo só para mim.  
—Oh! Veronica, minha boa amiguinha, dize-m'o, que eu não t'o roubarei.  
—Bem mostras que és uma verdadeira filha de Eva.  
—Não sejas cruel, Veronica. Não me deixes assim curiosa! Responde: será o filho do commendador Berlet ou o do dr. Berthi... ou...  
—Basta! Basta! O meu noivo tem uma posição muito mais elevada, muito mais nobre!...  
—Que?!... Será possível que toda a tua humildade esteja escondida sob a vil capa do orgulho?! Oh! Veronica! eu não te conhecia então!  
—Sim! neste ponto sou orgulhosa e o serei até a morte! Pois escolhi por esposo o melhor dentre elles, o Rei dos reis—Jesus—o Senhor do céu e da terra!...  
—Que ouço, Veronica?!... Tambem tu, com tantos pretendentes, privas assim o teu coração dos ternos carinhos de um esposo terreno, das alegrias do lar?... Para enclausural-o num convento, onde só encontrará dissabor?! Oh! Como hás de sofrer!  
—Dirce, minha amiguinha, tu ainda não comprehendes a sublimidade de um convento. Tu não comprehendes a ternura, a afeição, o amor immenso que

sentem as virgens pelo seu divino Esposo—Jesus. Ellas soffrem muito neste mundo, é verdade, mas o seu soffrimento é suave, porque ellas sabem que o soffrer consola o seu divino Esposo e as torna mais dignas do Seu amor! Ellas não têm, é verdade, como as esposas do mundo, a consolação de um olhar de ternura, de uma palavra de carinho em reconhecimento dos serviços prestados ao Esposo, mas vêm com os olhos da fé—Jesus que, com um olhar suave e adoravel, parece dizer-lhes: Filhas, continuae assim, e recebereis a recompensa. Uma doce paz as arrebatou... e em extase de amor exclamam: Jesus, meu bem amado, por Vós só: ou soffrer ou morrer!

—Julgas, acaso, Veronica, que só se salvam os que seguem a vida religiosa?!

—Não, Dirce; salvam-se todos os que seguem o caminho para o qual Deus os chamou. Uns são chamados para o estado do matrimonio, que é um sacramento instituido por Nosso Senhor Jesus Christo, e outros para a vida religiosa: são os predilectos do Seu Coração — os sacerdotes, as virgens christãs. Oh! minha querida Dirce, como me sinto feliz por tão insigne convite de meu Deus e Senhor!

—Sendo assim tão grande o teu prazer, tão elevada a tua felicidade, eu não posso deixar de dar-te os parabens, mas... uma grande magoa me opprime...

—?!...

—...é a nossa separação para sempre... aqui neste mundo...

—Oh! minha boa Dirce, tu podess sempre visitar-me e juntas trocaremos as nossas idéas...

—Mas si fôres mandada para uma terra distante?

—O correio será o responsavel pela nossa correspondencia.

—Bem, curvo-me reverente aos designios de Deus!

—Sim, amiguinha, que Elle é sabio e poderoso.

—E teus paes que disseram ao saber essa noticia?

—Abraçaram-me com alegria e disseram: Filha, melhor partido não podi-

as encontrar. Vaes ser uma rainha!... E que rainha!... A esposa do Rei dos reis!...

Dias depois Veronica e a filha do Conde Vilain realizaram o seu maior anhelo: fizeram-se religiosas!

Um anno mais tarde, Dirce viu realizar-se o seu ideal: o casamento.

Foram todas muito felizes.

De quando em vez lá estava Dirce á porta do convento, a visitar a sua amiguinha Veronica, hoje Irmã Clara, e receber della sabios e santos conselhos para o seu novo estado.

Viveram por muitos annos, servindo a Deus, conforme Sua santissima vontade, até o dia em que foram chamadas ao reino celestial, a receber a recompensa que lhes era devida: Dirce, pelo fiel cumprimento das leis de Deus e da Igreja; a Irmã Clara e a filha do Conde Vilain por terem desprezado o mundo com os seus vãos prazeres, por amor de Jesus que lhes dirigiu aquellas consoladoras palavras: Vinde, almas predilectas, vindem gosar daminha presença, entoando, com o cortejo das Virgens, aquelle hymno de louvor e gloria que só a vós é dado cantar!

*Açucena do Valle.*

Florianópolis, 30-3-1918.

## Receitas

### *Tomates recheados com legumes*

Para serem recheados, os melhores tomates são os grandes e redondos. Corta-se a parte de cima e limpa-se por dentro, guardando-se a parte de cima para tapar. Faz-se o recheio com ervilhas, cenouras, batatas e nabos picados e cozidos. Refogam-se estes legumes em manteiga com cebola e salsa, cozinham-se com uma chicara de leite engrossam-se com duas gemmas e um pouco de farinha de trigo, e depois enchem-se os tomates com este recheio e tapam-se.

Com a polpa que se retirou dos tomates faz-se um môlho com um pou-

de caldo e manteiga. Arrumam-se os tomates num prato que vá ao forno, e cobrem-se com o mólho, queijo ralado, um pouco de manteiga derretida e por cima de tudo farinha de pão.

*Meio de conservar as ervilhas*

Passam-se as ervilhas em agua fervendo; depois de frias, são postas, com um pouco de agua fervida, nos vidros, hermeticamente fechados; cozinham-se depois durante uma hora no banho-maria.

**Mulheres corajosas!...**

COMEDIA EM 2 ACTOS

*Adaptação de EDÉSIA ADUCCI*

PERSONAGENS

- Antonio Cachoeira
- D. Clara, sua mulher
- D. Bertha, tia de D. Clara
- Dra. Coelho
- Guilhermina, criada da familia Cachoeira.

ACTO II

SCENA III

D. CLARA — Mas, Guilhermina, como há de ser agora? O Antoninho disse-me que não está doente, que não sente absolutamente nada...

GUILH. — (espantada) E'?! Ora seja!

D. CLARA — Si o medico vier em vão, com certeza ficará zangado, porque há de pensar que quizemos caçoar com elle...

GUILH. — Justamente! é uma grande offensa!

D. CLARA — Sim! elle pensará que o enganámos propositadamente!

GUILH. — E por isso temos que ir para a cadeia!

D. CLARA — (assustada, a zarra Guilhermina pelo braço) E' verdade? Guilhermina, poderá acontecer isso?

GUILH. — Sim, senhora! o mentiroso vae para a cadeia! por isso vou-me embora, antes que tal me aconteça.

D. CLARA — (abatida) Guilhermina,

tu não deves abandonar-me agora; ao menos fica para tomar conta do meu pequeno até eu voltar da prisão.

GUILH. — Bom, eu fico; mas com a condição de ganhar mais dez mil réis no fim do mez!

D. CLARA — Por certo que recompensarei o favor que me fazes: dar-te-ei vinte mil réis mais!

GUILH. — Assim é que está direito: toda a fidelidade deve ter a sua recompensa. Vou espiar o fogo e já volto. (Sae).

D. CLARA — Que farei, quando chegar o medico? Não há remedio sinão aizer ao Antoninho que se finja de doente, porque, do contrario...

GUILH. — (mettendo a cabeça pela fresta da porta) O Dr. Pílula disse que era provavel que não viesse elle mesmo, porque inha que fazer hoje uma operação, mas então mandaria a sua assistente.

D. CLARA — Ainda mais esta! (Guilhermina sae).

**ENGANO**

*As apparencias illudem...*

Descendente de familia distincta e rica, Zuleika era, porém, filha de uma pobre viuva, que, apesar de doente, vivia a trabalhar para manter-se a si e a sua filha. O auxilio que lhes davam alguns parentes generosos era insufficiente para viverem, ainda que modestamente. Zuleika tinha 15 annos apenas; era filha de Maria muito piedosa e morava num arrabalde da Bahia.

D. Alexandrina, sua mãe, costurava roupas brancas em casa para um conceituado armazem na cidade e sua filha se encarregava de levá-las quando estavam promptas. Zuleika, sempre ingenua, jamais maculou a innocencia, o seu thesouro. Ia á cidade só, e todos a respeitavam pela angelical doçura que emanava do seu ser.

Por alguns annos, mãe e filha viveram socegadas e felizes. Um dia, quando Zuleika voltava da cidade, foi saudada

por um rapaz decentemente vestido, que de modo cortez, lhe pediu uma palavra.

Ella, depois de examinal-o com espanto, disse-lhe:

— Não falo com quem não conheço.

Edirigiu se socegradamente para casa, deixando o moço boquiaberto.

Carlos, rapaz sem crença e sem moral, não perdeu a esperança de illudir aquella que elle sabia um anjo de innocencia e pureza. Voltou para casa machinando um plano, que poz em pratica no dia seguinte.

A's 17 horas, Zuleika tomava o electrico para casa, sendo novamente seguida por Carlos que, sem ser notado, a acompanhara todo o tempo na cidade. Quando ia entrar em casa, Zuleika foi de novo interpellada pelo seu adorador, que, desta vez, lhe pediu para falar com sua mãe, no que foi promptamente attendido.

D. Alexandrina, momentos depois, chamava a filha para participar-lhe que aquelle senhor viera pedir-a em casamento, esperando apenas o seu consentimento para a realização do acto.

Carlos dissera a d. Alexandrina ser representante de uma importante firma no Pará, donde viera a negocios; devia partir dentro de um mez, desejando levar Zuleika como sua esposa, pois a amava muito. Toda esta mentira contada por Carlos foi acreditada por d. Alexandrina que, julgando pelas apparencias, via naquelle moço um enviado da Providencia para recompensar a virtude da filha!

Telegraphando para o estabelecimento onde Carlos se disse empregado, de lá o teve as melhores informações; consentiu, sem mais pensar, no casamento da filha.

Realizado o enlace, o jovem par seguiu no primeiro vapor para o Rio, para lá, no borbórinho do mundo, desfrutar a felicidade.

Depois de 15 dias de lua de mel, Carlos, muito choroso, deixava a esposa em casa de um parente, dizendo ir a S. Paulo a negocio urgente, devendo estar de volta dentro de dois d'as. Anciosa, Zuleika desejava que rapidas se escoassem as horas que estava condemnada a passar longe do marido adorador.

Cinco dias decorreram, e de Carlos nem noticia.

Tudo se soube depois: Carlos era um vil explorador; a casa em que elle se zia empregado era um covil de bandos como elle, que viviam pelo mundo illudir moças ingenuas para lanç-as depois na perdição. Felizmente, Zuleika foi milagrosamente salva! Talvez (que sabe?) Carlos tivera remorsos de lançar no lamaçal do mundo aquella alma escolhida!

1º.— 4 — 1918

Zanessa

## Dominios da Esphinge

Terceiro torneio charadístico

(Abril, Maio e Junho)

7—10) NOVISSIMAS

A' D. Chiquinha

Rege com sentimento este homem

3,

Caminha, menina, para a provincia

--2,

I. A.

A flor na corrente é de immenso valor — 2, 2.

No espaço o homem poz um movimento

— 1,

N. A.

Nas mesmas condições dos anteriores, i. é, com um premio para a charadista mais valente e outro para a autora da melhor composição, está aberto o terceiro torneio de quebra-cabeça.

Até 30 do corrente recebemos soluções dos problemas do segundo torneio cujo resultado será publicado a 4 de Maio.

Tambem até 30 recebemos os votos para a classificação do melhor trabalho. Todas as nossas leitoras podem votar.

Por falta de espaço, só no proximo numero continuaremos a publicação do lindo conto de Ancilla Domini — «Uma correspondente tranqueada ao publico».